

# Da catacumba à basílica

como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus



Copyright © 2022, Ludmila Caliman Campos Vinhas Alcuri.

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

**Compra direta e fale conosco:** <https://editoramilfontes.com.br>

[editor@editoramilfontes.com.br](mailto:editor@editoramilfontes.com.br)

Brasil

### Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (UVV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmir Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDF) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Ludmila Caliman Campos Vinhas Alcuri

# Da catacumba à basílica

como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus



Editora Milfontes  
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

### **Revisão**

De responsabilidade exclusiva da autora

### **Capa**

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

### **Projeto Gráfico e Editoração**

Edjalma Nepomoceno Pina

### **Impressão e Acabamento**

HelpBooks

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A356d ALCURI, Ludmila Caliman Campos Vinhas.

Da catacumba à basílica: como a mãe de Jesus se tornou a mãe de Deus/Ludmila Caliman Campos Vinhas Alcuri.

Vitória: Editora Milfontes, 2022.

316 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-011-4

1. Virgem Maria. 2. Cristianismo. 3. Império Romano. I. Alcuri, Ludmila Caliman Campos Vinhas II. Título.

CDD 270

*Para aqueles que buscam entender o passado  
para conhecer a si mesmos.*



# Sumário

PREFÁCIO .....	II
INTRODUÇÃO .....	15
<b>I. MARIA COMO “MÃE DE JESUS”: as primeiras representações de Maria e as disputas sobre o nascimento e a humanidade do messias (séc. I-II) .....</b>	<b>31</b>
Como a simples mãe de Jesus: a imagem de Maria nos Evangelhos.....	32
O recontar de uma história: Maria no <i>Proto-Evangelho de Tiago</i> .....	42
O surgimento de uma Nova Eva: Maria sob a perspectiva dos Padres da Igreja (séc. II).....	58
<b>II. HIBRIDISMO E PIEDADE PESSOAL: a construção da devoção mariana entre os cristãos de fronteira (séc. III-IV) .....</b>	<b>67</b>
No limiar da fé: a presença de costumes híbridos no cristianismo.....	68
As deidades femininas: entre a representação clássica e a oriental <i>Méter</i> e da <i>Parthénos</i> .....	82
A propósito da arte e do artista: piedade visual e hibridismo cultural na catacumba de Santa Priscila e no Sarcófago de Adelfia .....	93
A heresia coliridiana: a concepção do status de devotas cristãs e a hibridização de um culto .....	119
A religiosidade mariana: o nascimento de um culto de fronteira .....	128

**III. SACRALIDADE E DOMESTICAÇÃO: Maria como ícone de piedade monástica e eclesiástica em Alexandria (séc. III-IV).....135**

Formas diversas, pensamentos plurais: a emergência do cristianismo em Alexandria..... 136

*Dei genetrix, nostras deprecationes ne despicias*: magia e piedade de fronteira nos Papiros..... 147

Arquitetos de uma piedade: as vozes de Clemente, Orígenes e Atanásio ..... 158

Ascetismo, martírio e glória: a constituição da devoção mariana a partir do culto aos mártires e as virgens.....169

A emulação a uma *parthénos*: a piedade monástica na domesticação do culto mariano .....188

**IV. DISPUTAS POR ESPAÇOS DE PODER: a institucionalização do culto a maria pelo Concílio de Éfeso e a edificação da Basílica de Santa Maria Maggiore (séc. V) ..... 201**

Festejos e sermões: a questão mariana no século V sob a ótica dos padres da igreja .....202

A escola de Antioquia em debate: Nestório de Constantinopla e a defesa de *Christotokos*..... 213

A escola de Alexandria em debate: Cirilo e a contraproposta de *Theotókos* ..... 223

Entre *Christotokos* e *Theotókos*: o debate no Concílio de Éfeso..... 233

Devoção, espaço de culto e poder: o ressoar de *Theotókos* na basílica de *Santa Maria Maggiore*..... 255

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....279**

**Referências.....287**

Documentação textual..... 287

Documentação iconográfica .....293

Documentação epigráfica .....295



Dicionários e obras de referência.....	295
Bibliografia instrumental.....	296
Obras de apoio .....	296



# PREFÁCIO

As sociedades grega e romana foram, desde o início da sua história, marcadas por um intenso patriarcalismo que conferia aos homens um papel de destaque, ao mesmo tempo que as mulheres, crianças e escravos, considerados seres débeis, incapazes e privados de vontade própria, eram relegados a uma posição amiúde subalterna. Apesar da relevância alcançada pelo elemento masculino na Antiguidade, não devemos supor que as mulheres, as crianças e mesmo os escravos sempre se comportaram de maneira passiva ou que nunca despertaram, em alguma medida, o interesse e a atenção dos homens, o que tem conduzido os pesquisadores a investigar o passado na tentativa de captar indícios da agência de personagens sobre as quais nossas fontes de informação estão longe de serem satisfatórias. Com o propósito de refletir, mais detidamente, sobre o estatuto das mulheres no Mundo Antigo, vimos florescer, nas últimas décadas, um amplo domínio de pesquisa que muito tem se beneficiado do trabalho de autoras como Elizabeth Clark, Sarah Pomeroy, Elaine Pagels e Aline Rousselle, dentre outras. Quando nos interrogamos sobre a vida das mulheres da Antiguidade, suas atitudes, seus pensamentos e aspirações, bem como as relações que mantinham com os homens, uma vertente bastante produtiva de análise se abre mediante o estudo da maneira pela qual o divino assumia, em muitas circunstâncias, a forma feminina. De fato, em agudo contraste com a concepção androcêntrica da divindade judaica, o panteão greco-romano sempre contou com a presença de deusas

que, não raro, encarnavam atributos próprios dos varões, como Atená e Diana. Além disso, as sociedades antigas foram pródigas em conceber divindades que assumiam, de modo superlativo, o papel de mães de todo um *ethnos*, *demos* ou *populus*, figuras femininas cuja veneração trazia conforto àqueles que se viam como seus filhos, a exemplo de Cibele, deusa frígia apropriada pelos ocidentais como a Grande Mãe, ou Ísis, divindade egípcia cujo culto adquire notável expansão pela bacia do Mediterrâneo a partir da época helenística.

Quando o cristianismo irrompe, logo no início da era imperial, os pagãos há séculos já se encontravam familiarizados com a manifestação feminina do sagrado sob a forma de deusas guerreiras, deusas da fertilidade, ninfas, musas e tantas outras. Muito embora o mito do Messias tivesse como ator principal um homem, o Filho de Deus, o que correspondia bastante bem à cosmovisão judaica segundo a qual o divino se estruturava com base na figura do Pai, Iavé ou Adonai, era praticamente impossível que, no processo de difusão da mensagem evangélica, o que implicou o anúncio da Boa Nova para além dos círculos judaicos, o cristianismo não viesse a se hibridizar com crenças e práticas de natureza pagã. Nesse sentido, se é difícil nos referirmos ao cristianismo, no singular, sendo antes preferível o plural, cristianismos, que exprime as várias feições da crença em Jesus seria igualmente difícil tratarmos o cristianismo como uma crença “pura” ou “intocada”, ou seja, uma crença que tivesse sido refratária à cultura dos diversos meios nos quais se enraizou e expandiu. Dentre as inúmeras evidências que poderíamos evocar em apoio à tese segundo a qual o cristianismo, no decorrer da fase imperial, foi uma religião forjada em diálogo permanente com a cultura pagã, a experiência do culto aos santos e santas, seres protetores de territórios, cidades, aldeias e indivíduos, em franca concorrência com os deuses, semideuses e heróis pagãos, talvez seja uma das mais extraordinárias. No vértice da pirâmide composta por homens e mulheres excepcionais que gozavam de acesso privilegiado à divindade judaico-cristã, situa-se Maria, a

mãe de Jesus, que, com o passar do tempo, se torna o arquétipo da grande mãe presente em outras tantas culturas, o que dá ensejo a uma modalidade específica de devoção que costumamos nomear como marianismo.

O marianismo, como tal, consiste numa das múltiplas tendências da piedade popular sob o Império Romano, emergindo num meio plasmado por influências pagãs, o que durante muito tempo contribuiu para que fosse, de certo modo, ignorado pelas autoridades eclesiásticas, que não identificavam, na narrativa dos evangelistas, motivos para atribuir a Maria qualquer protagonismo no plano da salvação. Com o passar do tempo, no entanto, a maneira pela qual Maria era interpretada pela *intelligentsia* cristã foi se alterando, à medida que sua devoção adquiria maior visibilidade. Desse modo, ao se iniciar a Antiguidade Tardia, o marianismo já é um acontecimento com o qual o episcopado terá de lidar, produzindo-se assim a “domesticação” do culto, ou seja, seu enquadramento nas normas fixadas pela Grande Igreja. O processo por meio do qual a mãe de Jesus se torna um ícone do cristianismo, no entanto, não se fez sem debate, dissenso e conflito, até que, no Concílio de Éfeso (431), Maria é consagrada, em definitivo, como *Theotokos*, ou seja, “aquela que porta ou gera a divindade”, o que assinala o reconhecimento oficial da validade do seu culto. É toda essa trajetória de surgimento e consolidação do culto a Maria sob o Império, com todos os avanços, retrocessos e impasses a ele inerentes, que Ludmila Caliman Campos Vinhas Alcuri investiga neste belo livro que o leitor ora tem em mãos, fruto de sua tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Ufes. Lançando mão de um amplo repertório de fontes textuais, epigráficas e, sobretudo, imagéticas, a autora reconstitui com inteligência, precisão e não sem uma ponta de ousadia, o percurso histórico do marianismo, uma devoção popular situada, a princípio, nas franjas da Grande Igreja que se converte, na época tardia, numa importante manifestação da fé cristã, passando daí em diante a alimentar toda uma mitologia em torno de Maria, mitologia esta que até hoje não

cessa de se reproduzir, como temos a oportunidade de constatar nos noticiários que de quando em quando alardeiam a aparição da *Madonna* em algum rincão do planeta. Por todos esses motivos, convidamos o leitor a apreciar com atenção um trabalho de pesquisa feito com seriedade profissional, rigor analítico e, não menos importante, muita dedicação.

Vitória, 5 de março de 2022

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva

(Ufes/PPGHIS/CNPq)